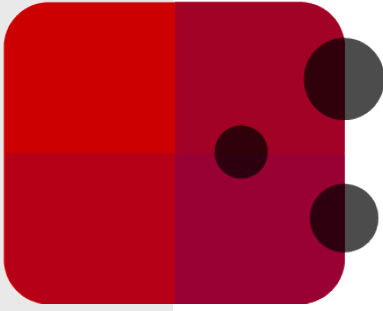


rebeca



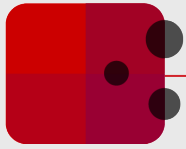
# FORA DE QUADRO

Reichenbach, cineasta de alma  
corsária

*Marcelo Lyra<sup>1</sup>*

---

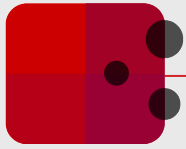
1. Marcelo Lyra formou-se em Comunicação pela PUC-SP. Jornalista, professor e crítico de cinema, escreve atualmente para o jornal *Valor Econômico*. Publicou o livro *Cinema como razão de viver*, biografia do cineasta Carlos Reichenbach.



Como qualquer artista, diretores de cinema colocam muito de si em sua obra e é sempre enriquecedor estudar como isso se manifesta. Hitchcock tinha medo de polícia e isso transparece em seus filmes. John Ford passou boa parte da vida fazendo três filmes por ano, quase sempre em locações, e raramente tinha tempo para a família. A maioria de seus filmes mais importantes retratam deslocamentos, e sua obra-prima, *Rastros de ódio*, retrata um homem solitário porque sempre precisou se deslocar para cumprir deveres a que se impunha. Orson Welles tinha obsessão pelo paraíso perdido. Steven Spielberg era obcecado pelo pai ausente na infância e a questão da família é onipresente em boa parte de seus filmes, ao ponto de a família de *E.T., o extraterrestre* ser um clone da sua. A lista é infindável.

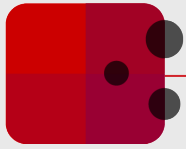
Por essa perspectiva, chama a atenção a forma muito particular como o diretor Carlos Reichenbach se coloca integralmente em boa parte de seus filmes. O caso mais explícito (e já bastante analisado), é *Filme demência*, onde o personagem interpretado por Ênio Gonçalves é nada menos que o próprio Reichenbach e o filme retrabalha sua relação complicada com o próprio pai, que preparou o filho para cuidar da gráfica da família. Vida e obra trazem o peso da consciência pela falência. A relação com o pai é rediscutida em curtas como *Olhar e sensação*, sempre num tom característico de desilusão.

Esse niilismo permeia praticamente toda a obra do diretor e surge também pelas constantes dificuldades em filmar no Brasil. Seu primeiro longa, *Corrida em busca do amor*, ficou sem dinheiro no meio das filmagens e precisou ser concluído de forma improvisada (os personagens terminam a corrida a pé pois não havia dinheiro para carros). *Amor, palavra prostituta* foi censurado e praticamente levou sua produtora à falência. *Filme demência* viu seu orçamento da Embrafilme ser corroído pela inflação dos tempos do Plano Cruzado e foi concluído de forma improvisada, com menos de um terço da equipe inicial, o que obrigou o próprio diretor a operar a câmera.



Em *Amor, palavra prostituta*, um de seus filmes mais niilistas, o personagem Fernando, feito por Orlando Parolini, cuida carinhosamente da garota que acabou de abortar. Suas contradições e a capacidade de sacrificar-se pelo outro retratam o caráter de Reichenbach, que aparece num pequeno papel. Já em *Alma corsária*, o personagem vivido pelo ator baiano Bertrand Duarte é novamente um *alter ego* de Reichenbach, que retrabalha conflitos de seu tempo de universidade, em meio à militância política em plena ditadura, seu niilismo, a relação com amigos e com mulheres. Embora ele costumasse afirmar que o roteiro era baseado na vida de dois amigos dessa época, o caráter, as atitudes de Bertrand, bem como o senso de humor do personagem são muito semelhantes ao diretor cotidianamente na vida real. Não é difícil reconhecê-lo também no radialista desiludido de *Paraíso proibido*, ou no namorado da viúva de *Império do desejo*, no ativista exilado de *A ilha dos prazeres proibidos*.

O filme *Dois Córregos* traz uma relação mais característica. Inspirado num episódio da juventude de Reichenbach, quando sua família escondeu um militante de esquerda que era procurado pela ditadura militar, nos anos 60. Aqui, tanto a personagem de Carlos Alberto Ricelli quanto a de Ingra Liberato são desdobramentos da personalidade de Reichenbach – tanto no niilismo de Ricelli quanto na vocação para sacrificar-se pelos outros de Ingra. Reichenbach, por sua sensibilidade e pela própria personalidade, era considerado um homem de alma feminina. Justamente por isso é possível encontrá-lo de corpo e alma em diversos personagens femininos. A lista é ampla e já começa com *Lilian M*, tornando-se mais evidente na personagem de Betty Faria em *Anjos do arrabalde* (a despeito de ele afirmar que o roteiro era inspirado no cotidiano de sua mulher, Lígia, que trabalhou anos como dentista na periferia). O comportamento e as atitudes da professora refletem a personalidade do diretor, e não de sua mulher. Essa personagem de bom coração e enorme generosidade, que sacrifica-se pelos outros, ressurgiu anos depois com a mesma Betty Faria em *Bens confiscados*, e está presente também, em versão mais jovem, na Aurélia de *Garotas do ABC* e na Lucineide de *Falsa loira*.



Em todos esses filmes fica evidenciada uma maneira muito pessoal de se colocar em cena, de retrabalhar anseios e angústias. Há curioso paralelo na obra recente do cineasta pernambucano Cláudio Assis, que cria *alter egos* em personagens com vícios e perversões. Não por acaso, a produção de seu primeiro filme, *Amarelo manga*, só foi possível graças à generosidade de Reichenbach. O roteiro do pernambucano concorria no primeiro edital para filmes de baixo orçamento do Ministério da Cultura, em 2000. Dez filmes receberiam cerca de 1 milhão para sua produção. Ao final de muita discussão, dez filmes foram aprovados, mas Reichenbach estava fascinado pelo roteiro de *Amarelo manga*, que havia ficado em décimo primeiro lugar. Inconformado, mas respeitando a decisão dos colegas, levantou a possibilidade de o orçamento inicial do edital ser redistribuído, de modo que com o mesmo dinheiro fossem produzidos onze filmes, e não apenas dez. Cada filme receberia cerca de 10% a menos no seu orçamento e com essa sobra seria possível produzir onze filmes. A ideia foi aprovada por unanimidade e o resultado foi que *Amarelo manga* tornou-se um dos mais premiados e bem-sucedidos filmes daquele ano, ao lado de *O invasor*, de Beto Brant, produzido graças ao mesmo edital.

Reichenbach tinha essa capacidade de agregar, de lutar pelo cinema, pelo fazer cinematográfico. Jamais recusava participar de um debate, seja no cineclubes de uma cidade pequena, seja num grande festival como no de Brasília. Onde quer que fosse, estava disponível para entrevistas e intermináveis bate-papos pós-filmes, que invariavelmente semeavam a cinefilia e o desejo de fazer filmes em jovens e velhos apaixonados pelo cinema.

Se a maioria de seus filmes tinha um tom niilista, Reichenbach, ao contrário, estava sempre de bem com a vida, bem-humorado. Era querido por todos, um anjo do arrabalde sempre em busca de seu paraíso proibido. Nesse sentido, por essa militância de guerrilha, Reichenbach era herdeiro direto e legítimo de Paulo Emílio Salles Gomes. Como seu mestre, uma perda irreparável. ■